

TEORIA E PRÁTICA DA OFICINA DE MOVIMENTO

Reiner Hildebrandt-Stramann/Heike Beckmann. Sportwissenschaft
Technische Universität Braunschweig¹.

Resumo.- A ideia básica do trabalho em oficinas consiste no fato de os participantes desenvolverem, na teoria e na prática, reformas e visões sobre seu mundo de vida para superar possíveis limitações e restrições e, com isso, tornar-se configuradores conscientes e auto-responsáveis para seu mundo de vida. Nas oficinas de movimento, os participantes tratam, p.ex., as questões, como nossos mundos de vida podem ser também configurados como mundos de vida sensatos para movimentar-se, como as áreas e lugares do esporte existentes, podem ser modificados em áreas de movimentar-se, e como pode ser configurada uma oferta cultural de movimento, de maneira que seja atrativa para todos os grupos da população.

O seguinte artigo enfoca o trabalho em oficinas de movimento com crianças e jovens. No primeiro capítulo são analisadas criticamente as consequências da limitação de movimento do mundo de vida tecnológico. Depois são apresentados exemplos históricos do trabalho nas oficinas de movimento. Baseado no exemplo de uma oficina de movimento com crianças são esclarecidos os respectivos objetivos pedagógicos. Por fim são descritos três caminhos de como pode ser encenada uma oficina de movimento nas aulas de Educação Física ou nas aulas integradas na escola.

Abstract.- Basically workshops are held to enable their participants to develop reforms and visions of their own living surroundings in order to overcome possible limitations and restrictions and thus become conscious and responsible creators of their own world. In such motion workshops, participants inquire how our surroundings can also be considered as surroundings including motion and movement, how the existing spaces in sports can be extended or changed and how physical activity can be offered and made attractive to all social classes.

The following article focuses on the work exercised with children and young adults in a motion workshop. In the first chapter it is critically analysed how our world - dominated by technology - leads to restrictions concerning movement and physical activity. In the following historical examples of motion workshops are introduced. Furthermore, the example of a motion workshop held with children is used to illustrate its educational objectives. Finally, three different ways of how such a motion workshop in physical education classes or in interdisciplinary teaching units can be staged are explained.

Palavras-chave.- Trabalho em oficinas; Oficinas de movimento.

Key words.- Workshops; Motion workshops.

¹ r.hildebrandt-stramann@tu-bs.de

1.- Por que trabalho em oficinas?

Num notável artigo sobre o trabalho de oficina na área do movimento, Landau, um professor alemão de ciência do esporte, chamou à atenção o encargo social da escola superior, que obriga as universidades à continuação do desenvolvimento (1995: 468-469). Ele se empenha pelas oficinas experimentais, cuja tarefa genuína é, ocupar-se com mudanças e novas invenções, com a experimentação e a aplicação de projetos modelo. Com o desenvolvimento de oficinas de aprendizagem, a formação de professores nas escolas superiores, talvez já se encontre num caminho desses.

Por que parece necessário um trabalho em oficinas? Nós vivemos numa sociedade técnica. Com o desenvolvimento de um mundo técnico, foi possível ao ser humano eliminar, em grande parte, maiores esforços físicos na vida de trabalho, nos ambientes residenciais, no transporte de bens e pessoas. De outro lado, médicos e cientistas de esporte chamam à atenção as conseqüências ameaçadoras para a saúde por falta de movimento. Eles aconselham o treino de movimento para todos, para o movimento, o jogo e o esporte. O progresso técnico, porém, não só trouxe um alívio do trabalho físico, mas também possibilitou uma variedade de ofertas de jogos e movimentos no campo do jogo e esporte.

Para o desenvolvimento do esporte moderno, a produção técnica industrial específica de espaços e aparelhos de esporte, assim como sua comercialização, é muito útil. Para o praticante do esporte existe hoje uma ampla oferta à escolha. De um lado pode-se aclamar o fato de que agora cada um pode combinar o esporte e o movimento conveniente para si, devido à variedade da oferta. Com isso, porém, esquece-se muito facilmente, que tal conduta de consumo contém o perigo de entender-se unicamente como alguém que assume unicamente produtos prontos e acredita em sua utilidade.

A orientação no consumo, além disso, não significa só a aquisição e o uso do produto específico de esporte, porém, muitas vezes também, a compra de intermediação de esporte. Esta se orienta na produção de, o quanto possível, perfeita formação de movimento no tipo de esporte individual ou numa orientação específica para o treino físico (como p.ex. nas academias de fitness). Em princípio, não há nada a objetar contra tal orientação. Problemático se torna, quando a aquisição de movimento se realiza quase que exclusivamente em forma de cursos especiais de determinação estranha, e faltam as possibilidades de confronto autônomo e criativo com as modalidades de movimento. Isso atinge, de forma crítica especial, o âmbito do desenvolvimento infantil.

Enquanto no mundo do esporte orientado pelo consumo, surgem sempre novos estímulos e mercados (banhos vivenciais, férias do clube,

bungee-jumping, rafting, canyoning etc.), a Educação Física estagna. Os espaços oficiais de Educação Física e os correspondentes aparelhos praticamente não mudaram estruturalmente nos últimos anos. A Educação Física e, também, a formação de professores de Educação Física, na maioria das universidades, se mantêm conservativos. Porém, diante da realidade das conseqüências do mundo de vida tecnológico para a vida de movimento dos homens, é urgentemente indicado, enfrentar os problemas:

- Como podem nossos mundos de vida apresentar, também, mundos de movimento sensatos?
- Que tipo de desenvolvimento de cultura, de movimento queremos apoiar e promover no futuro?
- Como se pode ampliar e mudar os espaços de esporte existentes, para proporcionar, possivelmente, para todos os grupos da população, uma oferta?

Afinal, para fazer tais perguntas, como também, para poder enfrentá-las, nós nos empenhamos por trabalho de oficina, por oficinas de experimentação, que se ocupam com mudança e nova descoberta, com a experimentação e a aplicação de planos-modelo. Com isso, nos referimos às oficinas do futuro, desenvolvidas por Robert Jungk e Norbert Müller (1990), que se dedicam à problemática do movimento no mundo vivido.

Referente à formação de professores de Educação Física, isso significa, organizar uma oficina própria como oficina de movimento. Numa oficina de movimento desse molde, os estudantes devem ter a possibilidade de aprender diferente, i. é, serem ativos, pesquisando, desenvolvendo, serem abertos, para depois poderem encenar com as crianças a escola, ou seja, o ensino de movimento, de outra forma.

2.- O desenvolvimento histórico do trabalho de oficinas

Quanto à descrição de processos históricos de um trabalho de oficina, podemos referir-nos apenas à área de lingua alemã. Aqui o trabalho de oficina tem uma tradição. A teoria pedagógica de Pestalozzi exige uma aprendizagem com cabeça, coração e mãos. Aqui o aprender sempre teve também um caráter de fazer. No movimento de reforma pedagógica em geral, que se tornou conhecida através de nomes afamados como Dewey, Kerschensteiner, ou também Makarenko, o trabalhar na oficina foi um elemento importante para o fomento do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Na concepção austríaca da „ginástica natural “(Margarete Streicher), as crianças

constroem suas ocasiões de ginástica com a ajuda das bancas, cadeiras, tábuas e escadas. E a pedagoga Elfriede Hengstenberg desenvolveu aparelhos e materias especiais, com os quais as crianças e jovens podem desenvolver suas proprias situações de movimento.

O ponto de partida para concepções modernas de “oficina de movimento” foi a oficina de movimento do Grupo de Trabalho de Frankfurt (1982), no início dos anos 80 sob a orientação do Prof. Landau. A partir da crítica de um ensino orientado ao esporte, eles desenvolveram uma concepção de “ensino aberto”, que tinha como objetivo um confronto do agir-comprender do aluno com o tema de ensino. Tal objetivo exige que a escolha dos temas seja discutida com os alunos. Assim, por exemplo, com o tema “o homem e a água” surgiram dos alunos sugestões de temas como “para dentro da água”, “aventura debaixo da água”, “movimentar-se por cima da água” etc. Tais sugestões estimulam o pensar produtivo e o fazer produtivo. A relação entre o pensar e o realizar é, então, também a característica mais importante do trabalho de oficina. A partir do confronto com esse tema, desenvolveu-se, então, uma “oficina da água”, em que foram realizadas sugestões para novas concepções de piscinas (cf. Hildebrandt-Stramann 1998). Outros exemplos de trabalho de oficina são projetos como “brincar e movimentar-se na cidade”(Hildebrandt-Stramann 2001) (comp. Foto 1 e 2), onde áreas de vida foram configuradas como áreas de movimento, a oficina da bola (Wichmann 2004) e o projeto „escola móvel“ (Hildebrandt-Stramann 2005) (comp. Foto 3 e 4). A seguir quero apresentar, mais detalhadamente, um projeto que se chama „oficina de movimento com crianças“ (Bewegungsbaustelle mit Kindern), que foi desenvolvido por Klaus Miedzinski (1983) e Klaus Miedzinski e Klaus Fischer (2007).



Foto 1 e 2: Locomover-se em cima de água com jangadas autoconstruidas



Foto 3 e 4: Escola movel

3.- A oficina de movimento com crianças – um exemplo

Quero iniciar este capítulo com a descrição de uma cena de construção e de movimento.

Meninos e meninas de 3 a 6 anos encontram numa área de grama câmaras de ar de um caminhão, tábuas e pneus de carro. Logo eles ocupam o material e começam a construir diferentes caminhos de equilibrar. Aqui eles precisam de cada mão para trazer, levantar e segurar estas construções. Das atividades resultam pequenos e grandes juntos, com variações de espaço com diferentes colocações de tarefas: andar para frente e para trás, passar um ao outro, locomover-se correndo ou pulando, brincando de gangorra em cima das tábuas...O estímulo destes materiais fundamenta-se na combinação das tábuas inflexíveis e das câmaras elásticas. As crianças configuram sempre de novo novas situações através das construções diferentes que exigem uma certa adaptação de movimento: p.ex. a torre de pneus, à qual as crianças tentam trepar de fora. As tábuas montadas nos pneus facilitam a subida e podem ser usadas quase ao mesmo tempo como escorregador. Enquanto duas crianças brincam em cima de torre as outras estão dentro e usam a torre como “uma casa”. Depois de um tempo, aparece a proposta de estabilizar a torre com pneus que devem ser colocados no interior de torre. Depois de equilibrar em cima das câmaras e tábuas eles descobrem a força da catapulta das câmaras. Eles tentam pular em círculo em cima da câmara com as mãos dadas. Depois das poucas tentativas eles conseguem pular, de maneira rítmica, várias vezes em um círculo.

Podemos constatar, que as crianças usam para a construção de seu ambiente de movimento, material do dia a dia como tábuas, câmaras, pneus, troncos de madeira, diferentes tipos de cordas, redes para trepar, cilindros (rolos), restos de tapetes, tubos etc (comp. Fotos 5 e 6). No processo da construção eles fazem várias experiências de movimento: Empregar a força de maneira dirigida, movimentar-se de maneira cuidadosa e cautelosa ou exuberante, balançar, escorregar, experimentar com o equilíbrio, trepar para cima ou para baixo, subir,

descer,.... Também neste processo as crianças conhecem as qualidades e leis físicas do material como a divisão/o espaço do material, o peso, a elasticidade resp. estabilidade, a qualidade da vibração, oscilação resp. a giratoriedade. No uso e na combinação (isto é, na ação ativa) são experimentadas as relações de grande e pequeno, largo e estreito, comprido e curto, áspero e escorregadisso/liso, duro e mole, pesado e leve e móvel e imóvel. No aspecto social podemos constatar que as crianças constroem sozinhas ou com outras juntas suas situações de movimento com a ajuda dos elementos de construção na oficina de movimento.



Foto 5 e 6: Oficina de movimento com crianças com material do dia dia

4.- Objetivos pedagógicos

Esta descrição de uma cena permite-nos identificar os objetivos pedagógicos que são ligados com as oficinas de movimento. Trata-se de tres objetivos principais:

1. Dar às crianças a chance de configurar seu meio ambiente de movimento, isto é, conhecer mais e melhor as condições dos aparelhos e do material, assim que conhecer mais o próprio corpo, todos através de uma luta ativa com o material e os aparelhos.
2. As crianças devem ganhar mais confiança em si mesma e segurança no movimentar-se através da vivência, da realização dos planos de construção e das intenções de movimento, e através das experiências divertidas com os experimentos de movimento.
3. A ligação entre a construção e o movimento conta sempre a dialética entre pensar e fazer. A criança “reflete” no fazer sua ação e, por conseguinte dirige a ação. Da mesma maneira dirige o pensar no fazer para uma constante modificação resp. variabilização de “fazer”. (Fig. 1)

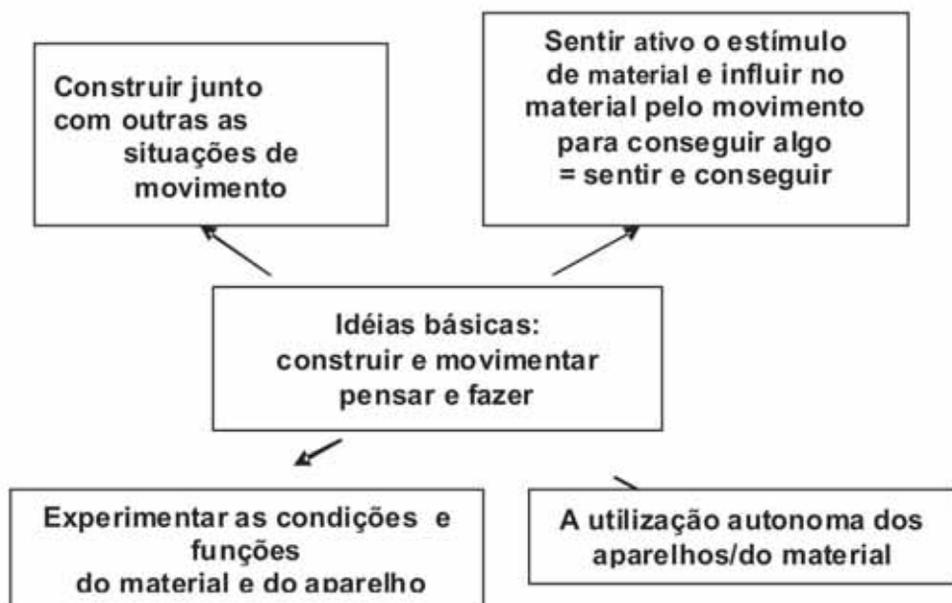


Fig. 1 Objetivos pedagógicos.

5.- Como pode ser desenvolvida uma oficina de movimento?

Nós podemos propor tres perspectivas de desenvolvimento para uma oficina de movimento:

5.1.- O gênese histórico de temas e idéias

Temas já inventados ou esquecidos podem ser encontrados em antigos livros de ginástica (cf. Euler 1894). No exemplo dos temas trepar e oscila/balançar pode-se elucidar bem, quão diferenciado era o trepar, oscilar/balançar em diferentes situações e em diferentes variantes de aparelhos no início do ensino de ginástica.

Já a tentativa de descrever o trepar como ação, é para nós hoje um ganho: No significado etimológico, trepar significa tanto quanto o repetido colar como bardana, subir, grudar etc., no significado habitual moderno, denomina o subir como a trepadeira e o movimentar-se enganchado em algo íngreme, subindo e elevando, para cima e para baixo.

Quanto aos aparelhos individuais de trepar, Euler(1894) distingue escadas, escadas portateis em diversas formas de construção, escadas de corda com diversos degraus e dependurações, tábuas de trepar, barras de trepar, estruturas para trepar e cordas (cf. fig. 2, 3 e 4). A partir dessa visão histórica, poder-se-ia, por exemplo, construir no pavilhão de

Educação Física motivos de trepar com diversas possibilidades de subida e interessantes motivos. Na construção de escolas, o aspecto trepador poderia ser integrado no prédio, oferecendo interessantes possibilidades de movimento nos muros internos e externos e no telhado, portanto, o movimento para cima e para baixo.

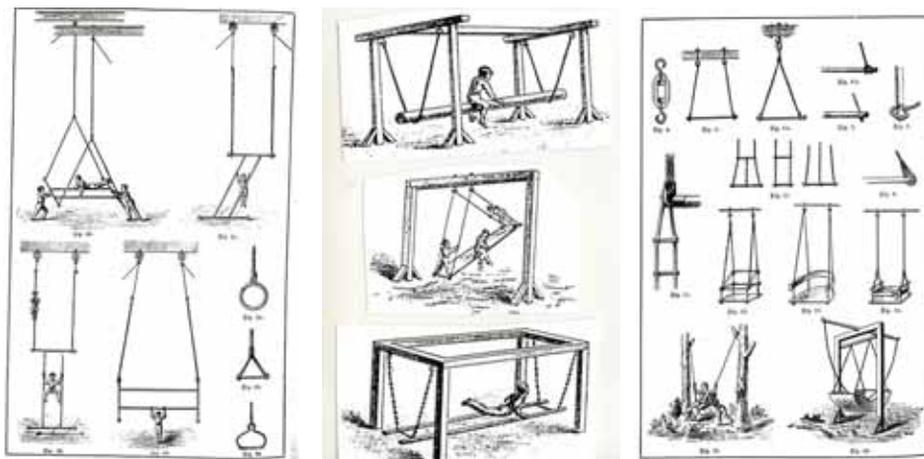


Fig. 2, 3 e 4: Construções históricas de aparelhos na ginástica (Euler 1894)

5.2.- A reconstrução e construção nova de espaços e aparelhos de esporte

Os espaços e aparelhos de esporte existentes formam o ponto de partida para a reconstrução e construção nova. Para isso é necessário, certificar-se das regras de construção desses espaços, para poder, por assim dizer, descongelar novamente o que está “congelado”. Assim, por exemplo, no basquete serve o dimensionar dos cestos, para aumentar a cota de acêtos e com isso a motivação de jogo. Na aprendizagem da natação cowl, servem autoconstruções de barbatanas para as mãos e os pés para aumentar o impulso para frente (comp. Fotos 7 e 8), na aprendizagem da natação golfinho, autoconstruídos coletes salva-vidas podem facilitar ao nadador, movimentar seus braços por cima da água para frente e, assim, encompridar a traçada e o trajeto de pressão de baixo da água. Para configurar mais interessante a área da água numa piscina, poder-se-ia, por exemplo, construir um jardim móvel de mergulhar ou diversos motivos do “entrar-na-água”. Esses exemplos são suficientes para mostrar que o confronto com as regras de construção deve servir para tornar-se consciente sobre sua função. Com isso se descobre as qualidades essenciais do espaço ou do aparelho e pode, então, procurar, também, outras soluções, possivelmente mais adaptadas para o próprio grupo de aprendizagem.



Fotos 7 e 8: Oficina de água.

5.3.- O desenvolvimento criativo-utópico de temas de movimento

O pensamento básico dessa tendência consta em desenvolver “louquice”. Com louquice se entende algo, que fica louco da norma, que desvia da norma, sendo necessário uma atitude de experimentação. Para o gerar criativo-utópico de temas de movimento é solícito e útil, “olhar por cima da cerca” para as áreas da arquitetura, arte, teatro, circo, e buscar a colaboração com outras áreas de conhecimento. Temas como “o circo”, “tambores e máscaras”, “área de água”, “locais de brinquedo e movimento no bairro”, “movimentar-se sobre rolos e rodas” ou “deslizar e escorregar” podem ser pontos de partida para o trabalho criativo numa oficina de movimento.

6.- Resumo: A oficina de movimento como laboratório pedagógico

Finalmente queremos acentuar tres aspectos de trabalho pedagógico nas oficinas de movimento:

1. Alunos, estudantes e professores de Educação Física experimentam com movimento nas situações de movimento autoconstruídas.

2. Alunos, estudantes e professores de Educação Física inventam aparelhos e materiais de movimento e constroem os mesmos.

3. Para os alunos, estudantes e professores de Educação Física a oficina de movimento pode ter a função de um lugar de aprendizagem didática ou uma instituição de aperfeiçoamento profissional na área da didática. A oficina de movimento recebe estas funções quando os professores, os estudantes têm a possibilidade de experimentar com o enceno e com diferentes tipos de aprendizagem. Um exemplo para professores podem ser

aulas livres durante o dia escolar, onde eles podem observar alunos, onde eles podem planejar, junto com colegas, projetos juntos etc. Para os estudantes a práxis com crianças pode ter o significado de um laboratório pedagógico, onde eles podem treinar relações pedagógicas com crianças. Numa oficina de movimento assim, os estudantes devem ter a possibilidade de aprender de maneira diferente, isto é, ativa, pesquisando, descobrindo, criativo, aberto. Os estudantes, futuros professores, devem apreender esta atitude com a intenção de ensinar na escola, nas aulas de Educação Física nesta maneira.

Para os artigos nesta revista: Probst e Bores tematizam temas básicas da ginastica. Eles mostram como alunos podem construir de maneira autonoma os temas trepar, balançar e equilibrar com e sem aparelhos. Wichmann desenvolveu com os alunos aparelhos para desenvolver jogos em equipes. E Celi Taffarel descreve como uma oficina de movimento pode ser desenvolvida com crianças e adultos nas vilas marginalizadas no Nordeste do Brasil. Aqui os participantes do projeto pertencem para uma população que se chama no Brasil "*movimento sem terra*".

7.- Bibliografia citada

EULER, C. (1894). Encyklopädisches Handbuch des gesamten Turnwesens und der verwandten Gebiete. Wien, Leipzig: Pichler

FRANKFURTER ARBEITSGRUPPE (1982). Offener Sportunterricht – analysieren und planen. Reinbek: Hamburg.

HENGSTENBERG, E. (1991). Entfaltungen. Bilder und Schilderungen aus meiner Arbeit mit Kindern. Heidelberg: Arbor.

HILDEBRANDT, R. (1998). Bewegungserfahrungen im Wasser. In R. Zimmer (Hrsg.), Kinder- und Jugendarbeit im Sport (S. 273-285). Aachen: Meyer & Meyer.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (2005). Escola (s)em movimento. In Movimento. Revista da escola de Educacao Física. 11, 1, S. 121-142.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (2001). Das Lüneburger Projekt „Spielen in der Stadt. In J. Funke-Wieneke & K. Moegling (Hrsg.), Stadt und Bewegung (S. 250-267). Immenhausen bei Kassel: PROLOG-VERLAG:

LANDAU, G. (1995). Werkstatt: Sport, Spiel und Bewegung. In R. Pawelke (Hrsg.), Neue Sportkultur. Lichtenau: AOL-Verlag.

MIEDZINSKI, K. (1983). Die Bewegungsbaustelle. Dortmund: Verlag Modernes Lernen.

MIEDZINSKI, K. & FISCHER, K. (2006). Die neue Bewegungsbaustelle. Lernen mit Kopf, Herz, Hand und Fuß. Modell bewegungsorientierter Entwicklungsförderung. Dortmund: Borgmann Media.

JUNGK, R. & MÜLLER, R. (1990). Zukunftswerkstätten. Mit Phantasie gegen Routine und Resignation. Berlin:

WICHMANN, K. (2004). Die Ballbaustelle. Unveröffentlichtes Manuskript. Technische Universität Braunschweig.